REVISTA DIGITAL

Arandu FOTO CINE

arandufotocine @AranduFotoCine arandufotocine@gmail.com Abril e Maio/2026 | Ano I - Nº 02

Foto: Vânia Marques | Bolívia

Nesta Edição:

Veja as fotos do Primeiro Desafio Bimestral dos membros do Arandu Foto Cine: Alex Samoilenko, Italo Caldas, Javier Solís, Leonan Bernardini, Roberto Pinto, Sergio Graça e Vânia Marques.

Faça parte do Grupo Arandu Foto Cine!
Envie mensagem via WhatsApp para: (21) 98753-7927 (QRCode ao lado) ou pelo Instagram @arandufotocine

EDITORIAL

A participação em um festival de fotografia é sempre uma experiência inesquecível, principalmente neste ano de 2025 quando a fotografia faz 200 anos de existência. Um marco muito simbólico. E no Foto em Pauta deste ano, o festival de fotografia de Tiradentes, não foi diferente.Cheguei a Tiradentes por volta do meio-dia na quinta-feira, dia 19 de março, vindo de Niterói e logo encontrei o meu amigo Tito Lívio Ramos vindo de Belo Horizonte. Antes de irmos almoçar demos uma rápida volta pelo centro histórico da cidade e encontramos o fotógrafo lambe-lambe argentino Daniel Andrés Doval radicado em Tiradentes-MG. Gastei um pouco do meu espanhol com ele que me disse ser de Buenos Aires e que já reside em Tiradentes faz alguns anos. Nos mostrou com detalhes como funciona sua câmera e todo o processo de captura da foto até a impressão da cópia em preto e branco. Possamos para uma foto em frente a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e o resultado pode ser visto nas fotos 1 e 2 abaixo.O restante do dia foi dedicado a visitas as várias galerias espalhadas pelo centro histórico. As galerias do Iphan, Lyria Palombini, Nicia Braga, onde inclusive conversamos bastante com a Nicia que falou da exposição “Seja o que Deus Quiser” e sobre seus trabalhos em cerâmica. O Centro Cultural Yves Alves e o Instituto Rouanet também foram locais de muitas exposições interessantes, projeções, lançamentos de livros, etc.O festival contou com a presença de renomados fotógrafos como Walter Firmo, Bob Wolfenson e outros. Entretanto abriu espaço para que outros menos conhecidos também pudessem mostrar seus trabalhos. Foi o caso da Vila Foto em Pauta que dedicou o espaço Mostra de Portfólio onde pude ver o trabalho e ter um papo descontraído com os fotógrafos Joel Alencar, Alessandra Bobba, Fernao Capelo, Rodrigo Pivas, Thanis Parajara e outros, o que foi uma experiência muito interessante e produtiva. A Mostra de Portfólio a Vila Foto em Pauta foi montada em um lindo casarão onde havia um espaço para venda de livros, um estande com câmeras da Sony, palestras, exibições e um espaço incrivelmente lindo ao ar livre com direito a uma vista privilegiada da Serra de São José.Como o Arandu Foto Cine está registrado na ConFoto, dei especial atenção as atividades na Casa ConFoto FotoTech. Lá tive a oportunidade de conhecer pessoalmente alguns membros da FotoTech, ConFoto e Cofit, além de ver as exposições (fotos 3 e 4) e assistir algumas palestras. Enfim, uma experiência incrível, um aprendizado muito grande com muitos novos contatos com pessoas descontraídas, com boas e criativas ideias, e que talvez possa render frutos para que o Arandu Foto Cine possa participar mais ativamente do próximo festival de Tiradentes e outros também. Que venha o Paraty em Foco 2026. Um abraço fotográfico!

Roberto Pinto
Presidente

1- Fotógrafo argentino Daniel Andrés Doval e seu lambe-lambe; 2- Fotografia feita com lambe-lambe (Daniel Andrés Doval) Tito Lívio e Roberto Pinto; 3- Apresentação "Jirau da Amazônia: da expedição à exposição" do fotógrafo Rodrigo Mazzolla na Casa ConFoto FotoTech – foto: Adriano Abbud; 4- Tecendo sentidos; uma conversa com a curadora da exposição efêmeros (Ana Carolina D'Andarea) - foto: Adriano Abbud

Opinião | Artigo

Gemini AI/Google

Até quando teremos máquinas fotográficas?

Por Leonan Bernardini, biologista, consultor master em SSMA (HSE), metido a fotógrafo e a fotografar tudo que acha interessante

Cada vez mais vejo influenciadores, fotógrafos e outros falando que logo não teremos máquinas fotográficas, que não teremos mais um equipamento específico para fotografar ou mesmo fazer filmes/vídeos.

Os mais capitalistas falam que o mercado de equipamentos fotográficos já não suporta fabricá-las e tudo será substituído por smartphones. Que já contam com acessórios que possibilita usá-los em estúdios.

Já vi propaganda falando que com os smartphones nem precisa saber fotografar, basta apontar que o software (agora a IA), faz tudo por você. E faz realmente...

Enfim, será que com cada vez mais smartphones, a história das máquinas fotográficas está chegando ao fim?

Há uma profusão de gurus da fotografia (alguns sem portfólio), decretando o fim das máquinas fotográficas e que a "qualidade" e o avanço da "tecnologia fotográfica" nos smartphones é superior a algumas máquinas, permitindo a produção de "fotografias em RAW, modo manual e outros recursos que os deixam "iguais" aos equipamentos fotográficos mais avançados.

Vale observar que a quase totalidade desses gurus e influencers ganham muito dinheiro para promover a fotografia com smartphones. As fabricantes financiam equipamentos, viagens, pagam bonificações e tudo mais que possam imaginar por uma boa "recomendação". Aí faço uma pergunta, vocês acham que quem fotografa com celular, usa RAW ou usa a câmera no modo manual?

Se alguém falar um em um milhão, eu diria que é muito "otimista".

Para rebater o deslumbre e o frisson com que alguns defendem a fotografia com smartphones, lembro que eles não conseguem superar algumas questões tecnológicas e que implicariam em aumento significativo dos custos de produção, especialmente as relacionadas às questões mecânicas.

Um dos gargalos é que para superar isso, eles têm aberturas fixas (e grandes, normamente F1.5 a F2.8). Isso é "resolvido" parcialmente com softwares bastante avançados e agora com IA. O que também impede a utilização dessas imagens para algumas finalidades, como impressões de grande formato e outras.

Mas antes de discutir qual o rumo das câmeras fotográficas, precisamos começar perguntando o que é fotografia e se uma "imagem" tirada com um celular pode ser chamada de fotografia?

Seria pretensão minha responder essa pergunta, por isso vou reproduzir a fala de Sebastião Salgado, em sua última entrevista, concedida para a francesa RFI, dois meses

antes de morrer (https://www.rfi.fr/br/podcasts/rendez-vous-cultural/20250307-retrospectiva-na-frança-celebra-40-anos-de-trabalho-do-fotógrafo-brasileiro-sebastião-salgado):
"Cada vez que você aperta no botãozinho da câmera e faz uma imagem, você faz um corte representativo do planeta naquele momento, e você só o faz naquele momento. Precisa ter a realidade em frente para essa imagem existir, para ela ser vista como fotografia, senão ela vai ser vista como um objeto criado como um artistismo, mas não como fotografia. Fotografia é a memória da sociedade".
"Quando você pega a fotografia que você faz no telefone celular, isso não é fotografia. Isso é uma linguagem de comunicação por imagem, mas que não tem nada a ver com a memória".
"Eu fico com pena dos bebezinhos de hoje que os pais fotografam com isso [smartphones], mandam as imagens para uns e outros, mas a memória não permanece. O dia em que ele perder o telefone, que ele mudar o sistema, uma parte das imagens vai desaparecer, isso não interessa mais. Mas aquela ideia de memória, é só a fotografia que traz".
E essa necessidade de "comunicação" através de imagens, atingiu tal proporção, que já permite que elas sejam enquadradas na expressão "poluição imagética".
Uma expressão criada para definir o excesso de elementos visuais desordenados em ambientes urbanos, como outdoors, placas, pichações, fiações aéreas e tudo mais que nos causa desconforto visual e/ou estético em áreas urbanas.
De qualquer forma, não há dúvidas que há uma perda definitiva do mercado de máquinas fotográficas e que essa perda foi causada pelos smartphones.
Li um tempo atrás que 85%, entre os que afirmavam fotografar com frequência, consideravam que os Smartphones atendiam suas necessidades fotográficas perfeitamente.
Mas como o mercado de equipamentos de fotografia tem reagido a essa investida dos fabricantes de Smartphones e como os usuários estão realmente se comportando?
De acordo com Business Research Insights e outros analistas, o mercado de máquinas fotográficas movimentou cerca de US$ 7,4 bilhões em 2024; em 2025 caiu um pouco, US$ 6,7 bilhões. O mesmo site prevê um leve crescimento de vendas de máquinas fotográficas em 2026 e que deve continuar até 2035. Mas confesso que não fica claro como ele chegou nessas previsões.
Já em 2023, o site brasileiro Mundo Conectado, publicou dados de uma pesquisa da Max Spielman (que não é considerado um instituto de pesquisa estatística), afirmando que 92,5% de todas as fotos tiradas naquele ano foram feitas com um celular. Ressalto que não há detalhamento de como os dados foram obtidos.
Mas os fabricantes de máquinas fotográficas realmente passaram por um período bem complicado. Em 1996 vendia-se 23 milhões de unidades de câmeras analógicas (estimativas baseadas em vários sites). Em 1998, as câmeras digitais começaram a se popularizar, mesmo assim, as analógicas dominavam o mercado, vendendo 24 milhões de unidades. Em 2010, o mercado das analógicas cai para 2,5 milhões de unidades.
Apesar disso, elas sobrevivem. Em 2015, a Leica, uma das rainhas dos fabricantes de máquinas fotográficas e que produz equipamentos relativamente caros, vendia 500 câmeras analógicas por ano; em 2023 vendeu 5 mil unidades. Nesse mesmo ano a empresa vendeu 12 mil câmeras digitais (a grande maioria Leica M11 e Leica M11 Monochrom).
No mercado global os números absolutos da Leica podem não representar nada, mas em termos percentuais houve um crescimento das vendas de câmaras analógicas da Leica, em 10 anos, de 2.400 %.
De acordo como a Cognitive Market Research, a venda global de câmeras analógicas, entre 2021 e 2025 teve esse desempenho:

Mercado Global de Câmeras Analógicas:	
2021 (A)	**2025 (A)**
$ 2666,9 Milhões	$ 3405,2 Milhões

Tirando os mais velhos, os tradicionalistas e os que fazem da fotografia uma arte, que ainda usam equipamentos analógicos, a faixa etária que mais adquire esse tipo de equipamento está entre 16 e 25 anos. Quem diz isso é o professor Edson Angeloni, responsável por cursos de fotografia do Sesc Pompeia.
Alguns analistas consideram que o incremento desse mercado não é maior por conta da falta e preço dos produtos. Por exemplo, apenas a Kodak e a Alfa Química produzem em larga escala reveladores e outras soluções usadas na revelação fotográfica. E negativos são outro gargalo, caros e podemos considerar que, dependendo da região, são difíceis de achar.

A era digital

A partir de 2000, podemos dizer que a fotografia digital, ao nível global, com a entrada das câmeras compactas, elas

começaram a se tornar as vedetes do mercado e, de certa forma, ajudaram a popularizar novamente a fotografia, eliminando os custos de negativos/diapositivo, revelação, e ampliação (que não eram muito baratos). Estima-se que naquele ano foram vendidas 5 milhões de unidades. O auge das vendas foi em 2008, quando atingiram a marca dos 18 milhões de unidades. A partir daí as vendas têm um declínio e, em 2016, as vendas atingem apenas 7 milhões de unidades. Mas esse mercado também vai nos mostrar umas surpresas.

A partir de 2017 as vendas começam a aumentar, passam dos 10 milhões em 2020 e terminamos 2025 com 13,5 milhões de unidade vendidas.

O 'Pequenas Empresas Grandes Negócios', do Grupo 'O Globo', publicou uma matéria informando que dados da OLX mostram que as câmeras da linha Sony Cybershot, uma das compactas mais populares já produzidas, cresceu 563% entre 2024 e 2025. Na Shopee, em janeiro de 2024, a busca por câmeras digitais compactas, chegou a aumentar 50% em um dia.

Com relação às compactas, muitos consideram que é um modismo passageiro, induzido por influencers, mas alguns afirmam que há também um desejo de ser e fazer diferente, o que levou também o aumento da demanda por compactas com recursos de qualidade profissional.

As DSRL

As DSRL permitiram um salto de qualidade na fotografia, os modelos considerados de "entrada", mais baratas, mas com quase todos os recursos das máquinas consideradas "profissionais", permitiu que muita gente as adquirissem. Mas sua era chegou ao fim.

Apesar das vantagens que as DSRL trouxeram, suas vendas nunca atingiram os níveis das analógicas e ficou nos mesmos patamares que as vendas das compactas digitais.

Estima-se que o pico das vendas das DSRL foi entre 2011 e 2013 que, dependendo da fonte, oscilou entre 15 e 20 milhões de unidades.

Mas o mundo capitalista exige que tudo se torne obsoleto, sem isso, não há sociedade de consumo. E assim as Mirrorless entram no mercado, para substituir as DSRL.

Entre 2020 e 2022 começamos a ver uma ausência de lançamentos e mesmo suporte para câmeras, lentes e acessórios DSRL.

Nesse período vemos uma corrida entre os grandes e mais famosos fabricantes para lançar câmeras novas e com ganhos tecnologicos cada vez mais sofisticados.

Mas vários fatores contribuem para o fim das DSRL. O primeiro obviamente é a necessidade do lançamento de "novidades"; depois temos os custos de produção, pois as DSRL tem custos e gargalos de produção maiores que as Mirrorless. Já que elas exigem, entre outros, componentes com mecânica fina (de difícil e cara produção).

Para finalizar

De qualquer modo, é bem conhecida a redução de vendas globais de máquinas digitais. Há números muito conflitantes, mas na média, os dados indicam que as venda não têm atingido 10 milhões de unidades de máquinas anualmente. Para alguns analistas, essa perda de mercado foi resultado de vários fatores, não apenas a explosão de venda de smartphones.

Por incrível que pareça, alguns deles dizem que um dos fatores decisivos para essa queda foi a COVID 19, que causou uma perda de faturamento das fabricantes de máquina fotográficas que, de acordo com a categoria, oscilou entre 70% e 90%. No mesmo período, estima-se que os fotógrafos profissionais autônomos tiveram uma queda nas suas receitas entre 40 % e 50%.

Para concluir, apesar do que dizem os arautos do apocalipse das máquinas fotográficas digitais, acho que elas não vão desaparecer, mas serão usadas somente por alguns grupos, como os profissionais, por aficionados específicos e por quem trabalha fotografia como arte.

As analógicas obviamente serão eternas. Vão continuar sendo fabricadas e compradas e veremos, periodicamente, o ressurgimento do interesse por alguns nichos, como esse das digitais compactas.

Por outro lado, acho também que podemos esperar uma redução no número de fabricantes e, consequentemente, um aumento dos preços.

Mas de acordo com um amigo, que discorda da minha expectativa, de que os preços tenderão a aumentar, ele considera que a participação dos chineses, que entrarão nesses mercados/nichos com preços imbatíveis, forçará uma queda acentuada de preços.

Pode ser, mas acho que, se isso acontecer, vai fazer um grande estrago nos fabricantes tradicionais e vai ficar a dúvida: os equipamentos de qualidade, fabricados na China, serão equivalentes aos equipamentos que hoje são nossos sonhos de consumo?

Fotos do 1º Desafio Bimestral

Tema: Natureza

Italo Octávio Caldas | @italocaldas1

Italo Octávio Caldas

Italo Octávio Caldas

Italo Octávio Caldas

Indicação de leitura

"Fotografia de Rua" - Antônio Alberto Simão

Preço: R$ 55,00 | Pix: 21.030.750/0001-36

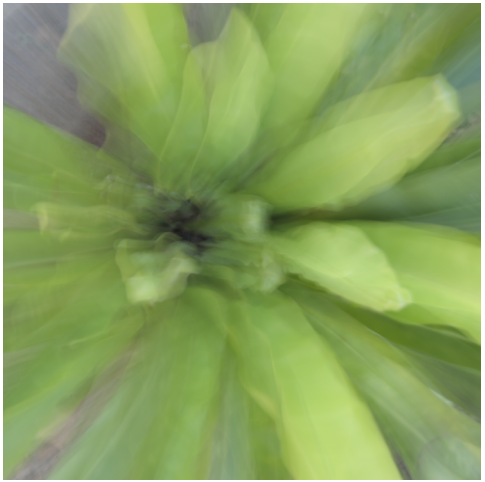
Comprovante:

contato.revistainfoto@hotmail.com

Mostre seu talento!
Envie fotos e conteúdos para a Revista Digital Arandu

Alex Samoilenko | @alsamua

Alex Samoilenko

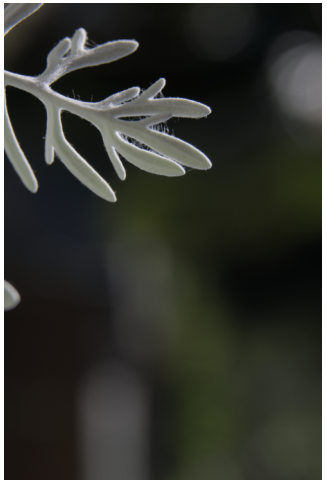


Roberto Pinto

Roberto Pinto

Roberto Pinto | @robertopintofoto

Roberto Pinto



Roberto Pinto

Roberto Pinto

Sergio Graça | @sergiogracaphoto_bw

Mostre seu talento!
Envie fotos e conteúdos para a Revista Digital Arandu

Sergio Graça

Sergio Graça

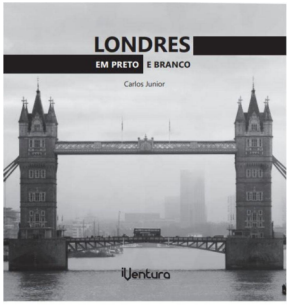
Sergio Graça

Sergio Graça

Vânia Marques | @fotosbyvaniamarques

Vânia Marques

Vânia Marques



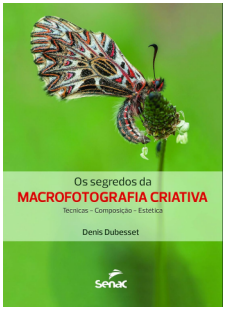
Indicação de leitura

"Londres em preto e branco" - Carlos Junior

Uma Londres como nunca se viu. Uma das capitais mais movimentadas da Europa praticamente vazia. O fotógrafo e documentarista Carlos Junior conseguiu surpreender a todos com imagens que registram uma cidade em plena pandemia de Covid-19. Desnudou uma Londres monocromática com as suas ruas vazias, os prédios históricos e turísticos sem a presença humana e algumas raras pessoas a darem vida aos seus parques e jardins captadas pelo olhar singular de Carlos Junior." (Preço: R$120,00 | 162 páginas) | Amazon: https://a.co/d/0biMzqjb

Leonan Bernardini | leonanbernardini

Leonan Bernardini



Indicação de leitura

"Macrofotografia Criativa" - Denis Dubesse
Com uma abordagem decididamente criativa da macrofotografia, Denis Dubesset mostra neste livro como fazer fotografias artísticas, verdadeiras aquarelas do micromundo, com meios bem simples, pouco equipamento e utilizando luz natural.
Este livro você pode encontrar na Estante Virtual.

Javier Solís | @equus_barefoot

Javier Solís

Javier Solís

Javier Solís

DESAFIO FOTOGRÁFICO

ESSA SEÇÃO É DESTINADA A POSTAGEM DAS FOTOS DOS DESAFIOS BIMESTRAIS. AS REGRAS DO 2º DESAFIO ESTÃO ABAIXO:

O Tema do 2º Desafio Bimestral (para a 3º edição - junho 2026) será: "História da Fotografia - Comemoração aos 200 anos da primeira fotografia".
Siga as orientações:
- Cada membro poderá nos enviar até (04) quatro fotos das mais antigas que tenha (de arquivo, de família, etc);
- As fotografias deverão ser enviadas somente em formato digital;
- Serão aceitos apenas os arquivos digitais enviados no formato (.jpg);
- As medidas em pixel dos arquivos devem estar com o máximo de 3000px do lado maior para fotos na posição horizontal e vertical e, para as fotos quadradas, deverão ter 2000 px de lado.
- O tamanho do arquivo deve ter no máximo 4MB;
- Não serão aceitas fotografias com nenhuma outra extensão, formato ou medidas que não estejam em acordo com este item.

ESTAMOS ESPERANDO AS SUAS FOTOS PARA O NOSSO 2º DESAFIO PARA A REVISTA 3.

Google/Gemini

O que é o fotoclubismo?

Por Luiz Ferreira (luizferreira.escritor@gmail.com)
@luizferreirafotografia

Essa é uma pergunta que exigiria alguns volumes para ser respondida, pois nos levaria aos primórdios da própria fotografia. Mas mesmo estando com um espaço reduzido, porém muito apropriado para esse tipo de assunto, vamos falar a respeito, ainda que nos limitando a abordar superficialmente alguns pontos. De qualquer forma, espero que nos ajude a compreender este fenômeno. Para começar, vamos contextualizar o surgimento da fotografia como a reconhecemos hoje. A fotografia, ou seja, a imagem criada a partir da projeção do reflexo da luz que incidiu sobre um objeto, pessoa, paisagem, cena, etc, ao passar por um orifício em uma câmara escura e atingir uma superfície fotossensível no seu interior, ali é fixada. Hoje se sabe que seus "inventores" foram vários, trabalhando em locais distintos e chegando a resultados semelhantes, mas os nomes que mais vivamente ficaram marcados para a história foram os dos franceses Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) e Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833). O anúncio oficial da invenção se deu em 19 de agosto de 1839, por meio de François Arago, da Academia de Ciências da França.

Devemos observar que a fotografia surge em um momento de expansão das conquistas científicas e da industrialização, sendo encarada, em um primeiro momento, como uma ferramenta para reproduzir a realidade, e o fotógrafo, um técnico que operaria a câmera. A fotografia foi fruto do desejo de registrar a realidade conforme ela se apresentasse aos olhos de todos, sem nuances e nem interpretações, pura reprodução da realidade. Mas, claro, na história da humanidade sempre houve aqueles que negam as visões únicas, e essa visão do que seria a fotografia não tardou a ser questionada e a gerar debates acalorados. Pessoas de diversas atividades profissionais, além de artistas - pintores em particular -, ou reconheciam a fotografia como uma maneira tecnicista de "copiar" a realidade e, no caso dos pintores, concorrer com sua atividade (principalmente no mercado dos retratos), ou viram a fotografia como uma forma de expressão em que o olhar do fotógrafo influenciava diretamente a imagem final, o que a colocaria na prateleira das artes visuais. Há de se lembrar que a visão de arte no século XIX era bem mais restrita que atualmente, ainda se pensava que a obra de arte não poderia ter função utilitária ou ser reproduzível, por exemplo. Até o ano de 1888, a fotografia era bastante artesanal, o que restringia sua prática aos que dispusessem de tempo e dinheiro para exercê-la de forma amadora, ou para os que dela vivessem profissionalmente. Mas nesse ano, George

Eastman, nos Estados Unidos, lançou sua revolucionária câmera fotográfica que trazia um rolo de filme (invenção de Eastman) para 100 fotografias, e que poderia ser enviada para a sua fábrica (a KODAK) onde o filme seria revelado, as fotografias ampliadas, a câmera recarregada com mais um rolo de 100 poses e devolvida ao proprietário. Esse lançamento provocou um surto de popularização da fotografia, o que, além de exigir a reinvenção dos fotógrafos profissionais, colocou os amadores em dificuldades ainda maiores para provar que a fotografia era arte.

Esses amadores que viam a fotografia como mais do que um simples registro mecânico, continuaram a trabalhar ainda mais intensamente em uma produção fotográfica que se apoiava nas regras vigentes na pintura clássica, entendendo assim que, desse modo, a fotografia começaria a ser vista de fato como arte. De acordo com historiadores, no ano de 1891, o Câmera Clube de Viena promoveu a Exposição Internacional de Fotógrafos de Arte, com características próprias e pioneiras. Exigiu-se que as fotografias inscritas fossem "artísticas" e não "técnicas e científicas", tendo o apoio da "comunidade de belas artes" que colaborou na seleção.

O Câmera Clube de Viena teve influência no movimento que seria "batizado" de pictorialismo, movimento esse que estabeleceu as bases do que seria considerada a "fotografia artística" apta a participar das exposições. A criação de clubes (denominados fotoclubes), dentro do que se convencionou chamar "modelo vienense", reuniu fotógrafos para discutir técnicas, práticas e conceitos; produzir publicações para divulgar e disseminar seu ideário; promover exposições e salões para julgamento e premiações das fotografias, respeitando preceitos acadêmicos rigorosos em um intenso intercâmbio entre os fotoclubes.

Bem, o que foi abordado nesse nosso minúsculo ensaio (diante de tudo o que há para ser dito sobre o assunto), é somente para falarmos um pouco sobre a origem, o objetivo do fotoclubismo e sua importância na discussão da fotografia como forma de arte. Em relação ao Brasil, o pictorialismo teve grande influência na produção fotoclubista brasileira até quase a metade do século XX (há discussões quanto a precisão da data). O advento da chamada "escola paulista", cujo principal ator foi o Foto Cine Clube Bandeirante, introduziu de forma bastante incisiva o modernismo na fotografia artística produzida no Brasil, substituindo os conceitos pictorialistas baseados na desconstrução da imagem capturada pela câmera, principalmente através de manipulações realizadas no laboratório, por imagens produzidas a partir de ângulos inusitados, exploração de formas geométricas e se utilizando de artifícios da linguagem fotográfica como sombras, contraluz e silhuetas.

Também não há como negar a troca intensa que houve entre fotoclubistas e fotojornalistas, com as formas de ver e registrar se influenciando mutuamente.

Enfim, o fotoclubismo no Brasil continuou influenciando e recebendo influências do ambiente fotográfico e artístico, se desenvolvendo e colaborando para a formação de fotógrafos e de um olhar fotográfico brasileiro.

Google/Gemini

Google/Gemini

Como mandar aquele print para impressão

Por Lucas Ryoiti Maruo
Vulgo Maruo, é engenheiro eletricista, artista visual, impressor e tirador de fotos de vez em quando. Você o encontrará em http://instagram.com/rmaruo

Quantas vezes você já se perguntou se o seu arquivo para impressão está bom? Se as dimensões estavam adequadas ou ainda, se você já se frustrou um pouco com as cores das imagens (esse vai ser um outro papo). Então quais aspectos seriam interessantes para enviar um bom arquivo para impressão?

Tamanhos ideais para as imagens
As imagens normalmente precisarão ter 300 pontos por polegada na sua resolução. Mas o que realmente isso quer dizer? Esse número está atrelado a resolução da impressão das imagens, ou seja, a distância entre os pontos da impressão. Isso quer dizer que em uma polegada é possível inserir pelo menos 300 pontos de tinta.

E com relação ao tamanho total da imagem, quantos megapixels seria o melhor?
O tamanho em dimensões do arquivo vai estar atrelado a duas variáveis importantes, detalhes na imagem e a resolução na impressão. Uma imagem de uma paisagem com inúmeros detalhes de folhas, luzes e sombras requer muito mais definição do que um retrato corporativo com o rosto cobrindo grande parte da imagem. Parte então que se for necessário ampliar essas imagens, uma vez que detalhes perdem a sua definição quanto maior for o tamanho da impressão final. Partindo dos 300 pontos por polegada, por exemplo em uma imagem de 10x15cm teremos em números bastante aproximados uma imagem de 4 x 6 polegadas. Sendo assim teríamos números em torno de 1200 pixels por 1800 pixels. O que teríamos então um arquivo de 2 Megapixels de tamanho. Em imagens maiores temos o mesmo pensamento, sendo assim em um 20x30cm o tamanho seria de 8 x 12 polegadas, o arquivo precisaria de pelo menos 9 ou 10 Megapixels.

Espaço de cor/cores da imagem:
As cores num display RGB, pelo seu próprio nome, vão ser geradas a partir das cores vermelho (RED), verde (GREEN) e azul (BLUE). Cada uma dessas cores é aquela quantidade de bits que são falados nos 8 bits de cor,

sendo que esse valor se refere a cada um dos canais. Se temos uma imagem de 8 bits por canal, com a soma dos 3 canais teremos os 24 bits.

Um espaço de cor se refere a quantidade de cores que são passíveis de representação. Dessa maneira há diversos espaços de cores utilizados em monitores, impressoras, telas de celular, telas de cinema, etc. Nem sempre as cores que são representadas em um monitor calibrado conseguem ser representadas numa impressão. Ah, mas é por isso que as cores do meu celular nunca ficam iguais as da foto ? Sim e NÃO! Sim, mas cores podem ser diferentes mas o espaço de cor as vezes não é o culpado. Os smartphones hoje em dia, ainda que apresentem muitas cores, não necessariamente estão calibrados (ou seja, com relação a uma referência apresentam uma resposta que pode ser predizível). Há padrões de mercado para essas telas como o DCI-P3 que por acaso apresenta mais cores que o SRGB que é ainda usado para monitores e afins.

Então, sabendo que os espaços de cores representam o que pode ser mostrado na sua tela, qual seria o melhor? A princípio quanto mais cores, seria melhor, porém não é totalmente a verdade. Nem todas as cores que podem ser representadas em um espaço de cor podem ser em outro, haveria uma "perda". Mas então porque sempre pedem para que se mande nos maiores espaços de cor disponíveis ou ainda que se edite em algum espaço de cor específico? Simplesmente para se poder ter margem de manobra ou se editar sobre o que realmente vai ser a saída da imagem. E é necessário se levar em conta o espaço de cor da saída da imagem, se vai ser impresso em uma impressora jato de tinta, em uma máquina de minilab, em uma plotter 12 cores, em plotter UV, offset de 4 torres, etc. Cada uma dessas saídas trabalha em um tipo de espaço de cor, quer seja em RBG, CMYK, em AdobeRGB, sRGB, FOGRA 51, etc. Pergunte sempre à pessoa a quem você vai enviar as imagens qual formato ela acha melhor para o arquivo.

Mandar em JPEG ou em TIFF?

Seria possível mandar um arquivo jpeg para a impressão? Dependerá do tamanho e também na questão de detalhes da imagem. O formato JPEG se utiliza de compressão com perdas no seu algoritmo, ou seja, a cada vez em que o arquivo é aberto e fechado informações são perdidas durante o processo de compressão. Dessa maneira não seria adequado um arquivo a ser armazenado durante um longo período. Porém o tamanho é muito menor do que um arquivo TIFF que pode ou não se utilizar de compressão. A estrutura do TIFF é mais robusta, codificando e comprimindo linha a linha da imagem ao custo de um arquivo muito maior. Se for então uma imagem menor, com menos detalhes, não há o menor problema em se enviar o arquivo em JPEG.

Por fim?

No melhor dos casos, a melhor alternativa é conversar com o pessoal do minilab, da gráfica digital, do impressor e perguntar como eles preferem que se receba o arquivo. Aí finalmente com o arquivo enviado fica o próximo passo, qual papel escolher na impressão. Fica oportunamente para uma outra oportunidade.

Google/Gemini

EXCLUSIVO | Artigo

ICM, Movimento Intencional da Câmera

Por Roberto Pinto

Embora algumas técnicas não convencionais de fotografia tenham sido amplamente utilizadas no passado na era das câmeras analógicas (com filme), com o advento da fotografia digital algumas dessas técnicas ganharam um novo aliado que facilitou e barateou bastante a obtenção de fantásticas imagens. Utilizando-se uma câmera digital básica que permita, pelo menos, a regulagem de velocidade do obturador, já é possível sair a campo capturando imagens e obtendo imediatamente resultados interessantes. Modificar as regulagens da câmera até que se chegue ao resultado desejado, tornou-se uma etapa muito mais rápida e completamente sem custos.

Uma dessas técnicas é a ICM ou "movimento intencional da câmera" (em inglês: "Intentional Camera Movement"). Essa técnica consiste em mover a câmera durante a captura da imagem, criando-se um efeito borrado e de movimento bem interessante e agradável ao olhar. Esse movimento pode ser da câmera em si, do zoom da objetiva ou ainda dos dois movimentos combinados. A técnica do movimentação do zoom no momento do disparo é conhecida como "zoomada" ou "zooming".

A foto da Figura 1 "Em Passo" de um par de sapatos de saltos altos capturada pelo fotógrafo alemão Klaus Tröger em Nuremberg, é um interessante exemplo de ICM com o movimento do zoom e câmera no tripé. A captura foi iniciada com o foco no par de sapatos e a distância focal foi encurtada em 6 etapas.

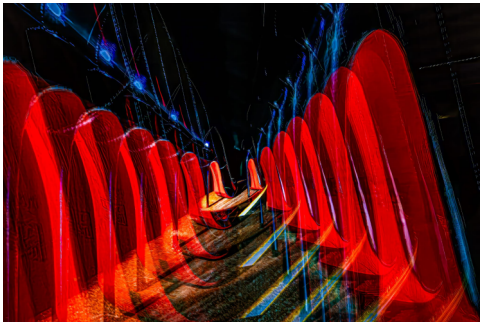


Figura 1: Klaus Tröger - Shoot4More Fotografie (shoot4more.de) @shoot4more - Nikon D7500 - 16-300 mm f/3.5-6.3 - f/22 - 4 segs. - ISO 400

Outra maneira de capturar imagens interessantes e um tanto abstratas é por meio do movimento da câmera na horizontal (pan), vertical (tilt), em zigue-zague, giratório ou qualquer outro movimento de acordo com a criatividade do fotógrafo. Um exemplo dessa técnica é a Figura 2, que exibe uma imagem capturada pelo fotógrafo Jorge Vasconcellos (@jorgevasconcellos_). Essa fotografia, feita à noite a partir da barca que liga a ilha de Paquetá à Praça XV no centro do Rio de Janeiro, mostra como é possível gerar imagens distantes da realidade estática, com a simples movimentação da câmera.

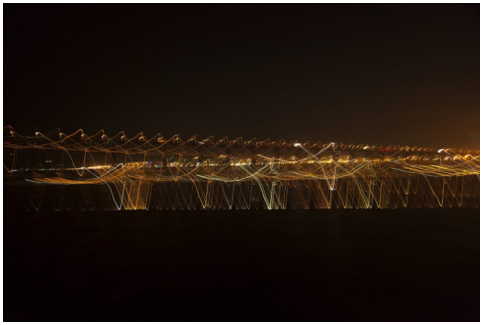


Figura 2: Ponte Rio-Niterói - Jorge Vasconcellos - @jorgevasconcellos_ Canon EOS 5D Mark II – Objetiva 24mm – f/4 – 2.5seg. - ISO 400

O tempo de exposição deve ser longo o suficiente de maneira que todos os objetos contidos da imagem, sejam registrados pelo sensor da câmera. O método de tentativa e erro é uma boa maneira de se obter resultados interessantes, uma vez que com as câmeras digitais, é possível ver e analisar o resultado da foto imediatamente. Como o objetivo da técnica é capturar movimentos, a estabilização de imagem deve ser desativada e o foco deve ser colocado no manual para que possíveis ajustes automáticos não interfiram no resultado final desejado.

A captura de imagens com ICM pode ser feita com a utilização de tripé, filtros, flashes e outros acessórios, entretanto o uso da câmera na mão do fotógrafo é o método mais simples de ser utilizado. O tripé pode ser um grande aliado quando se deseja capturar somente o movimento do zoom da objetiva e deixar a câmera estabilizada, embora os efeitos desse

movimento sejam menos dramáticos. O zoom da objetiva deve ser movimentado manualmente, uma vez que esse movimento deve ser bem sincronizado com o tempo de exposição total de captura da foto. Um bom exemplo de utilização do zoom com a câmera no tripé é mostrado na Figura 3 no trabalho do fotógrafo Rudi Schäfer (@monacorudi) de Munique na Alemanha. A foto foi feita na linha de metrô aéreo BTS em Sukhumvit na Tailândia, um bairro de intensa vida noturna de Bangkok.

Figura 3: Rudi Schäfer @monacorudi – Bangkok – Tailândia- Tripé Rollei C6i - Canon RP - 24-105mm - f/11.0 - 30 seg.- ISO 400

Os smartphones, ou telefones móveis, têm uma grande desvantagem com relação às câmeras digitais. Eles não possuem o controle da abertura do diafragma, sendo esse um dispositivo fixo. Normalmente, nos mais modernos, existem várias objetivas: macro, normal, grande angular e muitas vezes ainda outras. Para cada uma delas há uma abertura do diafragma preestabelecida e normalmente de grande abertura, variando de f/1.5 a f/2.8, não sendo possível alterá-las. Essa limitação tem dois inconvenientes. A primeira é impossibilidade de reduzir a entrada de luz que atinge o sensor, o que é fundamental quando se deseja fazer uma longa exposição, e a segunda é a dificuldade de ampliar a profundidade de campo, uma vez que grandes diafragmas reduzem muito essa característica.

A Figura 4 do fotógrafo italiano

Figura 4: Marco Pigato @pigatoimmagini f/1.79 – 1/20s – ISO:1157

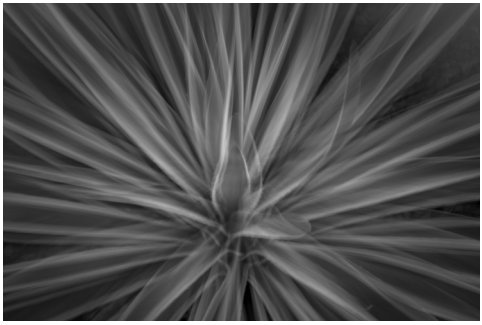


Figura 5: Roberto Pinto @robertopintofoto - Nikon Z50 - Objetiva Nikkor Z DX 16-50mm f/3.5-6.3 VR - f40.0 - 1/5 seg. - ISO 100

Marco Pigato (@pigatoimmagini - https://pigatoimmagini.jimdofree.com) de Nuremberg na Alemanha, mostra que embora os smartphones tenham lá suas desvantagens, ainda é possível obter boas imagens com eles. Nesse caso Pigato utilizou um smartphone Xiaomi Readme Note 10 na mão para fazer essa foto noturna em uma rua movimentada de Katmandu no Nepal.

Os problemas de impossibilidade de diminuição do diafragma e ambientes excessivamente iluminados que impeçam uma exposição mais longa, podem ser resolvidos utilizando-se filtros de densidade neutra (ND), que diminuem a passagem da luz e possibilitam a criação do efeito movimento. A graduação do filtro ND dependerá do quanto de luz se deseja reduzir.

Outro recurso interessante e que contribui para realçar certas nuances da imagem, é por meio da utilização de algumas funções dos editores de imagens disponíveis no mercado, tais como a função "vinheta". Quando se usa o efeito "zoom" essa função causa grande impacto, criando especial sensação de profundidade e direcionando o olhar do espectador para dentro da fotografia. A foto da Figura 5 capturada pelo fotógrafo Roberto Pinto do Arandu Foto Cine em Conservatória no Rio de Janeiro, foi editada pela a função "vinheta" no editor Gimp (www.gimp.org).

O Universo da fotografia digital é vastíssimo. Todos os dias inovadoras técnicas surgem e

possibilitam que inéditas imagens sejam geradas. ICM é mais uma delas e este artigo aborda somente uma pequena amostra do que se pode fazer com a técnica. Paisagens noturnas, parques e cidades iluminadas artificialmente, campos floridos, letreiros luminosos e variações dessas situações são imagens comumente vistas em sites de fotografia na Internet. Como mostrado anteriormente, até telefones móveis (celulares) podem ser usados na captura imagens usando ICM.

A utilização de recursos como o uso de flashes na primeira e na segunda cortinas, objetivas com diferentes distâncias focais, combinação de movimentos da câmera com os do zoom, são alguns dos testes que podem ser feitos e que com certeza contribuirão para a criação de uma identidade pessoal fotográfica e o aprimoramento da técnica.

Manter-se atualizado por meio de literatura especializada do assunto, seguir e ver com frequência o trabalho de outros fotógrafos mais experientes, são práticas inspiradoras e interessantes para desvendar esses segredos e avançar na produção de imagens ainda mais fascinantes.

Concurso Internacional

EXPOSURE PHOTO GALLERY

Fica aqui o convite da Arandu para você participar do concurso "A Forma de um Instante - Um Momento. Uma Revelação. Uma Imagem." (https://www.exposure.gallery/call-002.htm).
Prazo para Inscrição: 30 de Junho de 2026 às 23h59

AGENDE-SE! Festival de Fotografia de São Paulo

O Festival de Fotografia de São Paulo 2026 (FFSP 2026) ocorrerá nos dias 23 e 24 de maio na Unibes Cultural, com entrada gratuita, apresentando exposições, palestras, oficinas e a 12ª feira de fotografia. Inscrições para a convocatória de exposição (foto única e série) estão abertas até 29 de março de 2026.

Mais informações: https://www.instagram.com/festfotosaopaulo/

REVISTA DIGITAL

Arandu FOTO CINE

Expediente

A Revista Digital Arandu Foto Cine é uma publicação bimestral do Arandu Foto Cine Clube e tem como objetivo a difusão da arte e da técnica fotográfica e cinematográfica.

Data de fundação: 25/09/2025

NA INTERNET
E-MAIL: arandufotocine@gmail.com
INSTAGRAM: arandufotocine
YOUTUBE: https://www.youtube.com/@AranduFotoCine

DIRETORIA | COMITÊ EDITORIAL

Presidente:
Roberto de Castro Souza Pinto
robertocsp@gmail.com
WhatsApp: (21) 98753-7927

Diretor de Fotografia:
Carlos Júnior
cjdocumenta@gmail.com
Whatsapp: (21) 99646-1194

Gestor de Laboratório Fotográfico:
Marcelo Rocha Alram
rochalram@gmail.com
Whatsapp: (21) 98769-2792

Editora-Chefe e Jornalista Responsável:
Barbara Samel Rocha Tostes
MTB 6520-PR | barbara.blog.br

Diretor de Processos Alternativos:
Leonan Bernardini
leonanb@gmail.com
Whatsapp: (41) 99205-3430

Tesoureiro:
Tito Lívio Lucio de Oliveira Ramos Neto
etlivioramosnt@gmail.com
WhatsApp: (21) 99179-5310

Diretor de Conteúdo de Cinema:
Gilson Magalhães de Carvalho (Gil)
gilcarvalho@msn.com
Whatsapp: (21) 99999-6152

Colaborações de fotos e artigos, favor entrar em contato por e-mail arandufotocine@gmail.com